



Educar em Revista

ISSN: 0104-4060

educar@ufpr.br

Universidade Federal do Paraná

Brasil

Crochík, José Leon  
A corporificação da psique  
Educar em Revista, núm. 16, 2000, pp. 27-41  
Universidade Federal do Paraná  
Paraná, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155018222003>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# A corporificação da psique\*

---

José Leon Crochík\*\*

## RESUMO

Neste texto, são examinadas, a partir da Teoria Crítica da Sociedade, diversas formas através das quais o corpo se constitui em conformidade com as exigências sociais. O seu aprisionamento é descrito a partir, principalmente, da redução da esfera psíquica às necessidades de autoconservação que obsta a possibilidade do desenvolvimento de um corpo sensível, princípio à denúncia do sofrimento existente e portador da liberdade possível na nossa sociedade.

*Palavras-chave:* corpo sensível, corpo embrutecido, regressão psíquica e social.

## ABSTRACT

In this paper, different forms of corporal education and their education with social demand are suggested by means of a theoretical support from the critical social theory. An imprisoned body is described according to the psyche reduction the survival necessity, that prevents the development possibility of a sensible body, similar to self-proclaimed suffering and to express a possible society freedom.

*Key-words:* sensible body, enduringness body, social and psyché regression.

Refletir sobre a “prisão” moderna, que substitui os castigos corporais pela tortura psíquica, ainda é necessário, pois ela continua a se esconder por detrás de formas que pretensamente visam o bem-estar, a saúde, a felicidade, a liberdade. Para apresentar algumas anotações sobre esse tema, e dentro dele

\* Este trabalho é derivado de pesquisa financiada pelo Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

\*\* Professor Livre-Docente pelo Instituto de Psicologia da USP; Docente dos Programas de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade e em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Docente do Instituto de Psicologia da USP.

sobre a educação corporal de hoje, serão tomados como base alguns textos de Freud, Horkheimer, Adorno e Marcuse. Deve-se, de início, ressaltar que a análise que se segue traz hipóteses que precisam de dados empíricos e de outros argumentos teóricos para a sua confirmação ou contestação.

A separação entre corpo e espírito, que pode ser remetida à divisão entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, tal como outras dicotomias analisadas por Adorno, pode ser pensada a partir de sua veracidade e falsidade. É verdadeira como objeto real, e assim desde Platão, ao menos, são destinadas práticas distintas a ambos: a ginástica para o corpo, a música para a alma. É falsa pela violência que implica, que não pode ser hipostasiada para todo o sempre. Se o pensamento e a teoria são fiadores da liberdade num mundo não livre em contraposição a uma práxis imediata, irrefletida, conforme defende Adorno<sup>1</sup>, o prazer e o potencial de expressividade do corpo, que podem denunciar o sofrimento existente, não devem ser negados, mas refletidos.

A divisão do espaço escolar entre as atividades das aulas de educação física e as atividades das outras aulas chama a atenção. A educação física, pela especificidade de suas diversas práticas: exercícios físicos, recreação, esportes coletivos, requer um espaço diferenciado. Mais recentemente, tentou-se associar a prática física com conteúdos cognitivos; uma forma de reunir as partes cindidas, com a justificativa que o aprendizado deve ir do concreto ao abstrato. Mas o corpo, assim como os demais objetos existentes, não é concreto meramente por existir, necessita da experiência, da reflexão, para não ser abstrato.

Se o corpo não é sede das experiências associadas ao desenvolvimento da sensibilidade, pode ser convertido em objeto de práticas sadomasoquistas. A brutalidade das relações entre os meninos, que hoje se estende às meninas, presente sob o nome de virilidade, contradiz a idéia de desbarbarização que deveria ser tarefa da educação, segundo Adorno<sup>2</sup>. As brincadeiras de agressão entre as crianças são convertidas em brincadeiras com regras, sem que a agressão necessariamente desapareça. Tendem a ser consideradas comuns, normais e até mesmo como parte necessária do desenvolvimento. Algo disso está presente nos exercícios que visam o desenvolvimento do corpo, servindo quer ao seu fortalecimento quer como forma de humilhação daqueles que não conseguem atingir o mesmo desempenho dos mais aptos. Esses últimos, que representam, na expressão de Adorno<sup>3</sup>, a segunda hierarquia escolar, que se

1 ADORNO, Theodor W. Notas marginales sobre teoría y praxis. In: Adorno, Theodor W. *Consignas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1973. p. 163.

2 ADORNO, Theodor W. Tabúes sobre la profesión de enseñar. In: Adorno, Theodor W. *Educación para la emancipación*. Madrid: Morata, 1998. p. 78.

3 Ibid., p. 74.

contrapõe ao desempenho nas disciplinas propriamente acadêmicas, são considerados os mais aptos também para o que de nenhum modo é negligenciado pelos adolescentes: a sexualidade. A associação entre sexualidade e força, no entanto, retira o caráter de pacificação que a relação sexual contém, evoca antes a potência primitiva de dominação do que a conciliação entre força e fragilidade, que têm sido representadas, na cultura atual, respectivamente pelo homem e pela mulher. A mulher tem representado a fragilidade, por lembrar a natureza dominada, que, por sua vez, lembra a fragilidade daquele que domina. A questão remete à dialética do esclarecimento e, dentro dessa, à constituição do eu, um eu constituído a partir e em contraposição a um mecanismo primitivo de adaptação: a mimese.

A mimese é uma reação primitiva frente a um perigo imediato que leva à paralisia. O cabelo eriçado, a aceleração das batidas cardíacas, o suor, a urina, são as respostas de quem não sabe o que fazer e, por isso mesmo, não faz nada. A paralisia em questão é a imitação da morte, a não diferenciação do meio circundante. Contra essa reação corporal, segundo Horkheimer e Adorno<sup>4</sup>, forma-se o eu, que deve ser capaz de aprisionar, manter sob controle cada parte do corpo. O eu se forma, antes de mais nada, como a unificação e coordenação dos diversos movimentos e sensibilidade que esses proporcionam. Subjacente à unificação, no entanto, permanece o medo da destruição, que é a base de sua constituição. Se os movimentos de endurecimento do corpo, na mimese, são provenientes do descontrole das emoções, que leva ao descontrole do corpo, os objetivos do eu e da mimese coincidem: defender-se da ameaça da destruição. O mais evoluído e o mais primitivo se encontram. Na mimese, o endurecimento do corpo dá vazão às manifestações das emoções que o geraram, no desenvolvimento do eu, o aprisionamento das paixões ocorre pelo endurecimento e contração do corpo.

A mimese também se refere à apreensão do mundo através da representação, sobretudo corporal, que se expande para as idéias. A partir dela, é possível compreender o estranho a partir de si mesmo. Nela está presente a possibilidade da diferenciação entre as pessoas, posto que aquele que imita, tal como o sentido do tato, consegue distinguir as duas sensações simultâneas que experimenta – a que é evocada pelo corpo alheio e pelo seu próprio corpo. O endurecimento do eu significa também defesa para manter a diferenciação, ainda que, justamente por isso, promova o seu oposto.

<sup>4</sup> HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. Interesse pelo corpo. In: HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Dialética do esclarecimento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 256 p. p. 217.

A imitação se relaciona, ainda, com a repetição que se apresenta na identificação. Quando essa repetição não se caracteriza por relembrar uma ocasião vivida tempos atrás, sendo distinta dela, nega o tempo, da mesma forma que quando se diz que um fato ocorreu há muito tempo atrás, quer-se dizer que não é preciso mais se preocupar com ele. É esse o início dos contos de fadas, que se, de um lado, permitem elaborar o medo próprio ao crescimento e à autonomia, de outro, atenuam, por esse artifício, o próprio medo. Além da negação do tempo, é o que lhe dá concretude – a experiência – que se perde. O superego, diz Marcuse<sup>5</sup>, apoiado em Alexander, é reacionário porque remonta a um período do passado, fortalecendo a sua predominância no presente. Sem saber o porquê, o eu se culpa por um desejo existente no passado que, no inconsciente, não se distingue do presente. Na história do corpo, ou seja, de seu desenvolvimento, o tempo não é só afirmado, mas igualmente negado, devido à permanência da ameaça de destruição. O medo da destruição, que se direciona primeiro ao corpo, continua a mantê-lo como prisioneiro. O superego, segundo esse autor, é corporificado. Assim, a identificação, principalmente a que se refere à constituição do superego, implica, entre outros aspectos, o empréstimo do corpo alheio e o controle sobre ele.

A diferenciação do corpo, do eu, segundo Horkheimer e Adorno<sup>6</sup>, ocorre também pela alienação espacial. Pela distância, os corpos se delimitam. Mas a distância também isola, e o que se separa segue pedindo pela reunião. Disso, segundo esses autores, surge a crueldade como formação reativa ao desejo da proximidade dos corpos. Interessante pensar que as massas que acorrem aos estádios para assistir aos esportes coletivos só podem, em geral, admitir a união, a proximidade, desde que outra coletividade seja agredida. A proximidade, nessas ocasiões, é desmentida pela parcialidade da união. Narcisismo das pequenas diferenças é como Freud<sup>7</sup> nomeia esse fenômeno; só é possível a união dos homens, quando há um alvo externo que justifique essa união, para o qual o ódio, a violência, possam ser direcionados. Neste sentido, o esporte coletivo, antes de servir de escoamento da violência das massas, é pretexto para o seu extravasamento. O conflito entre a constituição de um eu pelo medo e o desejo de seu abandono na não diferenciação é o alimento da violência cega.

5 MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 232 p. p. 49.

6 HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. Elementos do anti-semitismo. In: HORKHEIMER; ADORNO, op. cit., p.168.

7 FREUD, Sigmund. El malestar en la cultura. In: BRAUSTEIN, Nestor A. (Org.) *A medio siglo de El malestar en la cultura de Sigmund Freud*. México: Siglo Veintiuno, 1986. p. 13-116. p. 79.

Poder-se-ia pensar que esse conflito é desvio de regra e não pertence à vida normal civilizada e que caberia a essa última resolvê-lo. O que, no entanto, Horkheimer e Adorno e Marcuse<sup>8</sup> mostram, ainda que de formas distintas, é que esse conflito tem sido próprio ao desenvolvimento da civilização, que não casualmente desembocou no fascismo moderno. Deve-se ressaltar que o fato de esse conflito ter se mantido constante, não implica que seja inevitável.

Esse conflito é fomentado por uma civilização que cada vez mais aperfeiçoa os seus dispositivos de controle e de produção, autonomizando-se em relação aos interesses humanos racionais, ou seja, a constituição de uma humanidade pacificada. A percepção da aparente desordem, que assistimos nas disputas entre os homens que aprendem que tudo depende deles mesmos, ocultando de sua consciência a mediação social que os constitui, é gerada pelas leis da sociedade, que por essa ocultação escapa da devida crítica que almejaria a sua modificação.

É próprio do fascismo, segundo Horkheimer e Adorno<sup>9</sup>, utilizar os desejos humanos mais primitivos contra os homens para se fortalecer, suscitando continuamente a adesão. Inútil dizer que as brigas nos esportes coletivos, dos atletas e do público, os acidentes automobilísticos, a surra do lutador de boxe, não façam parte do espetáculo, e que o torcedor não se satisfaça com eles. A percepção da desgraça do outro tem um efeito notável: prepara para as ‘surras’ que se leva no cotidiano, fortalecendo o masoquismo, ao auxiliar a suportar o sofrimento que se pensa ser inevitável; além disso, fortalece o sadismo, quando se identifica com o agressor, seja ele visível ou não. O sadomasoquismo é, segundo Adorno e colaboradores<sup>10</sup>, a base do autoritarismo, que se apresenta em uma sociedade hierárquica. Assim, as relações entre os homens nesta sociedade não são imediatas, mesmo nos seus impulsos mais íntimos, e são mediadas pelo equivalente representado pelo valor de troca das mercadorias.

O sacrifício básico que se faz em troca de segurança, segundo Freud<sup>11</sup>, é o do prazer. Esse prazer diz respeito tanto à sexualidade quanto à agressividade, e atualmente, em contraposição ao período vitoriano, a sociedade tende a reprimir a primeira e a libertar a última. A liberdade sexual, segundo Adorno<sup>12</sup>, só foi possível pela manutenção da repressão do impulso. A

8 Cf. HORKHEIMER; ADORNO, op. cit. e MARCUSE, op. cit.

9 HORKHEIMER; ADORNO, op. cit., p. 168.

10 Cf. ADORNO, T. W. et al. *The authoritarian personality*. Nova Iorque: Harper and Row, 1950.

11 FREUD, op. cit., p. 13-116.

12 ADORNO, op. cit., p. 96.

sexualidade tem se conformado às regras da higiene e da saúde, mas o prazer proibido é perceptível na perseguição aos que são considerados pervertidos. A suspeita que se tem em relação às prostitutas, aos homossexuais, às mulheres de vida sexual duvidosa; os assassinatos de homossexuais, não são meros exemplos. O prazer proibido, todavia, não se refere aos pervertidos, que sofrem pressões igualmente violentas na sua ‘opção’ sexual, e, sim, à separação entre os impulsos considerados normais, isto é genitais, e os tidos como pervertidos, os pré-genitais. A organização da libido com o primado das relações genitais que deveriam subordinar os pré-genitais não ocorre, quando ocorre, de forma linear. A subordinação dos impulsos pré-genitais reduz a possibilidade do prazer se manifestar através de múltiplas formas; essa restrição limita o próprio prazer genital. A competência e a competição sexual, a virilidade, pedem por um eu que se observa em seu desempenho, marca indelével da integração forçada e invisível do voyeurismo, e seu complemento – o exibicionismo –, com o ato sexual. O voyeurismo e o exibicionismo significam prazer a distância; com a integração forçada ao primado do genital associado ao ideal da competência sexual, podem se transformar, no ato sexual, em vigilância do próprio desempenho, que assim se tornaria prazerosa, como verdadeira perversão ligada ao autocontrole e à dominação. Se a vigilância é mais forte do que o próprio prazer, o impulso se conforma, e, assim, como afirmam Horkheimer e Adorno<sup>13</sup>, realiza-se literalmente o fascista, definido como aquele que nunca se satisfaz. O relaxamento é proibido. Não era em vão a preocupação freudiana com o futuro da sexualidade; essa está involvendo e com ela o corpo. A separação do prazer genital do pré-genital, e a sua relação com a dominação, impede a expansão da libido, o que fortalece o seu aprisionamento no corpo. O outro deixa de ser alvo para o abandono do eu, na não diferenciação entre os amantes, que se identificam na paixão. Com a restrição da expansão da sexualidade, o corpo se contrai, assim como faz quando sente dor, tentando evitá-la ou diminuí-la.

A pulsão é definida pela psicanálise como a representante psíquica de necessidades somáticas, isto é, corporais. A vida relacionada à reprodução dos atos, para satisfazer as necessidades, é rompida quando novas representações podem ser dadas àquelas necessidades. É isso que permite a flexibilidade humana na constituição do indivíduo. Todo prazer é social, nos dizem Horkheimer e Adorno<sup>14</sup>, mesmo aquele que se contrapõe à sociedade na busca da natureza que tenta substituir. O ímpeto da regressão psíquica percorre o caminho inverso do desenvolvimento do eu; busca refúgio em etapas pretéri-

13 HORKHEIMER; ADORNO, op. cit., p. 160.

14 HORKHEIMER; ADORNO, op. cit., p. 100.

tas, através de mecanismos que permitam iludir melhor o sofrimento que a ocasiona. A cultura, por sua vez, regride, quando não supera as contradições; superação para a qual já tem possibilidades objetivas. Ambos, indivíduo e cultura, no movimento de regressão, almejam a repetição que os homens percebem na natureza. A repetição, como vimos, anula o tempo e o espaço da diferenciação. Num caso e no outro, a ruptura da repetição é avaliável pela distância da natureza, desde que essa não tenha sido negada no processo de desenvolvimento. Para sobreviver, os homens tiveram de encontrar meios para dominar a natureza que os ameaçava, e da qual, entretanto, tiravam o seu alimento. A dominação da natureza pelo homem é concomitante à autodominação, posto que é também natureza. O corpo que se diferencia pela dominação permite o surgimento do que não é mero corpo, mas tem nele a sua base: o pensamento, o espírito. A divisão do trabalho entre manual e intelectual promove a separação muito tempo depois expressada por Descartes: o corpo sem alma, entendido como máquina; a alma sem corpo, que busca a felicidade perdida. Parte do pensamento moderno tendeu a dar o nome de aparência a essa separação, ou então, a supor que essa separação poderia ser abolida sem o abandono da dominação da natureza. A continuidade da prisão ao reino da necessidade, contudo, mantém-se no aprisionamento do espírito no corpo, por uma vertente, e do corpo no espírito, por outra.

O corpo esbelto e saudável obedece a ideais culturais, que não são desvinculados das necessidades da produção e de consumo, que o encaminham para o prolongamento de uma vida restrita. O endurecimento do corpo, promovido pela vida saudável, que se nutre de exercícios físicos e dietas especiais, não permite mais uma vida de livre exercício corporal e dos prazeres da alimentação. O número de flexões e de calorias a ser consumidas leva à desapropriação de nossa vida. A domesticação da força bruta, natural, que a transforma em força civilizada, própria aos embates com regras, denuncia a violência contida e ao mesmo tempo permitida. As regras estabelecidas nas disputas armadas – as guerras – mostram o absurdo da situação. Pode-se matar em condições especificadas. O mesmo ocorre com as lutas de academia, nas quais, se a morte é um acidente, decerto ela não é imprevista, como ilustram os cuidados que os praticantes aprendem a tomar com os golpes mortais. O controle do corpo é visado para a destruição do controle do corpo alheio. Não é isso que implicam as disputas entre os homens? As palavras de Freud ecoam: quanto maior é a tensão proporcionada pela criação da civilização, maior é a presença da pulsão de morte – a tendência de destruição.

Em outros tempos, o superego servia como controle interno não só dos desejos sexuais, mas também dos destrutivos. A repressão da manifestação desses desejos ocasionava o fortalecimento dessa instância interna que, ao re-

criminar o ego, proporcionava o sentimento de culpa, o principal responsável pelo mal-estar na civilização, segundo Freud. Hoje o superego dá lugar a um controle externo. Os homens não internalizam mais os valores, mas são instrumentalizados para a ação em seu corpo e mente. São funcionalizados. As suas potencialidades são desenvolvidas para dar conta das tarefas prescritas. Assim, não podem ir além do que já existe. Desenvolvem-se para a adaptação à sociedade existente. Se a psique permitiria dar diversos significados ao que é proporcionado pelos sentidos corporais, libertando-os da mesmice, ela se corporifica, atendo-se à repetição dos gestos e pensamentos que impedem a reapresentação do prazer, no que tem de expansivo. A felicidade é obstada, e deve-se lembrar que os que podem desfrutar de felicidade raramente são violentos.

O mito referia-se à reapresentação do mesmo, o tempo é negado, não se percebe a imitação como representação. O esclarecimento, que pode se contrapor a ele sem repô-lo, deve indicar a volta ao passado como um outro. Da mesma forma, o prazer deve buscar no objeto o que já se passou, mas como um outro. Cada objeto deve enriquecer, através de novas formas, o prazer antigo. Buscar o antigo no novo não significa aprisioná-lo no passado, mas reconhecê-lo como parte do gênero, ou melhor, da história do gênero, algo necessário à idéia de humanidade ainda não realizada. O corpo endurecido pela repetição, todavia, fecha-se aos sentidos do prazer. A sexualidade se resstringe ao corpo.

A dessublimação repressiva, termo cunhado por Marcuse<sup>15</sup>, refere-se à retirada da libido dos interesses culturais e o seu retorno ao corpo. Nesse movimento, a expansão da libido é contida. A liberdade sexual da atualidade parece se restringir a isso. O obsceno da sexualidade, combatido pela burguesia, descoberto por Freud nas neuroses e explícito nas perversões, opunha indivíduo e sociedade. Com a libertação sexual, percebe-se que o obsceno pertencia mais ao movimento das pulsões do que à realização do ato sexual. A espontaneidade que nutria a rebeldia dá lugar à organização. Ao mesmo tempo, o interesse do indivíduo pela cultura se retrai, pois o prazer ainda mantido no ato voltado à cultura, na dessublimação, se perde. Nesse processo, surge um duplo estranhamento: em relação à cultura e em relação a si mesmo. Os atos voltados à constituição e manutenção da cultura ocorrem devido à ameaça direta à autoconservação, o apreço em relação a si mesmo volta-se cada vez mais à meta negativa do princípio do prazer: evitar o desprazer. É

15 MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 238 p. p. 69 e seguintes.

certo que Freud<sup>16</sup> já enunciava esse estado, através do paradoxo presente na hostilidade dos homens à civilização; indagava: porque a civilização, que deveria trazer segurança aos homens e permitir relações satisfatórias entre eles, gera desprazer e, como consequência, a violência? Uma de suas respostas foi a de que com o progresso aumenta-se o número de sacrifícios individuais, o que suscita também uma maior agressão por parte dos indivíduos como resposta a esses sacrifícios. Com o aumento de regras, incrementa-se o sofrimento humano.

Retomando o paradoxo freudiano, Marcuse, Horkheimer e Adorno<sup>17</sup> argumentam que o sofrimento aumenta associado a um maior controle social, devido a relações de produção que já não têm mais racionalidade, ou seja, se as relações de produção burguesas deram um grande incremento para o avanço das forças produtivas, criando as bases para uma sociedade de abundância de produção, necessária à libertação da miséria, a permanência delas, quando a riqueza da produção, real ou potencial, é visível, ao invés de possibilitar a extinção de vários controles sobre a vida individual, os fortalece. Em decorrência, se a liberdade não advém, os indivíduos regridem psiquicamente. Se a sociedade leva os indivíduos, em cada época, às regressões psíquicas que necessita, conforme defende Adorno<sup>18</sup>, nos dias que correm, a infantilização das massas, a fragilidade do ego, correspondem a uma sociedade não complexa, devido à substituição dos interesses políticos conflitantes pela administração. Mesmo o superego tende a ser substituído pela ação dirigida pelas instituições, havendo menos interiorização dos modelos sociais do que instrumentação, conforme aludido anteriormente. O indivíduo é instrumentado para a vida, deixa de interiorizar regras e se vincular afetivamente com elas, o que possibilitava outrora alguma autonomia, ainda que não pretendida pelo Liberalismo ou pelos ideais iluministas, tendo em vista que a base do superego é inconsciente. Assim, no limite, não há mais o controle interno das ações que impedia parte da irracionalidade humana de se expressar, mas a adaptação direta ao que é exigido para que não se sofra sanções. A esfera da interioridade psíquica foi empobrecida e quase reduzida aos reflexos condicionados do corpo e do pensamento, que sem luzes se repetem compulsivamente.

Na regressão atual dos indivíduos, não ocupa um lugar menor o apego à técnica. É verdade que o avanço tecnológico tem a sua racionalidade, quando

16 FREUD, op. cit., p. 47 e seguintes.

17 Cf. HORKHEIMER; ADORNO, op. cit. e MARCUSE, op. cit.

18 ADORNO, Theodor W. De la relación entre sociología y psicología. In: ADORNO, Theodor W. *Actualidad de la filosofía*. Barcelona: Paidós, 1991. p. 135-204. p. 187.

se considera uma vida melhor, mas a sua conversão em fim em si mesmo e o fetiche que representa, que leva os indivíduos, nas palavras de Freud, a serem “deuses de prótese”, segundo esse autor, não os torna mais felizes. Mais do que isso, um dos tipos de personalidade autoritária, descrito por Adorno et al.<sup>19</sup> – o manipulador –, caracteriza-se por converter todos os indivíduos, incluindo a si mesmo, em objetos manipuláveis para conseguir atingir fins alheios a si próprio. Como o prazer não é mais obtido nas relações pessoais, ele se desloca para a organização e controle dos objetos. O que gera prazer é o fazer coisas, ser produtivo, não importa o que se está produzindo. A separação entre meios e fins e a conversão dos primeiros em fetiche é nítida nessa configuração psíquica que, como podemos supor, não é rara em nossos dias. Ao que parece, não é exagero afirmar que pode ser característica desse tipo de personalidade tornar o corpo, através de exercícios corporais, um objeto de modelação. O controle do corpo toma o lugar do fim para o qual ele é controlado. O aproveitamento da vida, para a qual o corpo é modelado, torna-se secundário, mesmo porque como o progresso não tem possibilitado maior felicidade, a vida progressivamente perde o seu sentido. O prazer de criar produtos culturais em conjunto com os outros homens, próprio da sublimação, é substituído pelo prazer regressivo de ser apreciado pelos outros, devido aos êxitos obtidos.

A máscara impenetrável e imutável do homem bem sucedido revela um controle sofisticado de cada parte do corpo e sobretudo das expressões faciais. A falsa aparência individual, que indica força, é revelada quando se nota que todos se assemelham nesse controle. O eu bem sucedido não é um eu. Certamente, para nos constituirmos como um eu, alguns sacrifícios são necessários, mas, tendo em vista a sua finalidade, mal podem ser chamados por esse nome. Se alguns desejos infantis não são abandonados, o indivíduo não se constitui e, assim, mal pode tirar prazer da satisfação desses desejos, que por serem dirigidos a objetos parciais não alcançam a plena fruição. Além disso, há sacrifícios necessários para a manutenção e desenvolvimento da cultura, e quando essa é voltada para a liberdade e felicidade humanas, não enganam e dominam o indivíduo, mas o libertam. O pensamento, as suas possibilidades de expressão através da linguagem verbal e corporal, exigem disciplina, controle sobre o corpo e sobre os desejos, mas para melhor poder satisfazê-los. Ou seja, é um abandono temporário do desejo para que se possa com melhor discernimento conhecer o objeto que possa satisfazê-lo. Assim, o trabalho com o corpo que o torne mais expressivo, mais sensível, não prescinde da disciplina, ao contrário, ela é necessária para que o próprio aprisiona-

19 Cf. ADORNO et al., op. cit.

mento possa ser expressado e refletido; já o controle do corpo que leva ao endurecimento, tornado um fim em si mesmo, aprisiona a expressão e a reflexão.

O endurecimento do corpo, contudo, é necessário para agüentar a pressão existente. Temos de ter resistência ao que nos é exigido. É assim que corremos para as academias, que são cada vez mais substituídas pelos exercícios domiciliares, possibilitados quer pelo treinador pessoal quer pelos aparelhos que já vêm com as instruções de uso, para aumentarmos nossa capacidade cardíaca e respiratória. Outra vez a contradição social se apresenta. Se, com o avanço tecnológico, precisaríamos trabalhar cada vez menos, o contrário ocorre. Com o desemprego estrutural, próprio da automação, mas também da restrição do número de consumidores e, portanto, da concentração de renda, os que trabalham têm a sua carga aumentada, além disso, não precisam mais de chefes que os cobrem por sua produção, posto que a ameaça de desemprego é constante. Trabalham sempre a mais do que seria necessário. Os que não têm trabalho, por sua vez, treinam e se preparam para sair do “banco de reservas”. Aliás, a exaustão a que os ginastas se submetem não parece diferir da exaustão no trabalho e da exaustão do amante, que se obriga a praticar o ato de amor inúmeras vezes. Na exaustão, o desejo de se libertar do desprazer, gerado pela pressão para a atividade, parece se manifestar: o prazer de sentir que não é possível mais agüantar e, portanto, ser possível a recusa; uma falsa recusa, na verdade, posto que o esgotamento das forças, em nossa sociedade, implica a eliminação do indivíduo do trabalho, do amor e, assim, da vida. Além disso, essa recusa deve ser distinta da grande recusa proposta por Marcuse, que deve se dar para evitar a exaustão e a eliminação. O se sentir sem forças, após o exercício exaustivo, aproxima do estado que não se queria atingir: a paralisia do movimento, e para retardá-la o indivíduo prepara-se nas academias, nos parques, nas ruas, no trabalho... Deve-se, também, diferenciar a exaustão do relaxamento; a primeira é produzida por uma repetição, em geral, compulsiva, o último, pela possibilidade de se sentir frágil e não se sentir ameaçado por isso.

Os corpos belos e disponíveis, dispostos nas praias, nas academias, no trabalho, na televisão, na escola, nas ruas, são indisponíveis. Deve-se lembrar a crítica de Freud ao amor universal que, por se dispor a todos, faz injustiça ao objeto amado. A fusão entre as pulsões sensuais com as inibidas em sua finalidade<sup>20</sup>, que se destinam à ternura, ao carinho e, portanto, à particularização do objeto amado, regride à separação entre os dois tipos de pulsão, evidenciando a dificuldade atual do amor, pois esse se divide entre o amor espiritual e o

20 Cf. FREUD, Sigmund. *Psicologia de grupos e análise do Ego*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

amor carnal que pedem por objetos distintos. Porém, o primeiro, nos dias de hoje, além de separado de sua base, é ridicularizado por parecer enganador. De fato, se a possibilidade de identificação se enfraqueceu, a busca do geral no particular perdeu o mecanismo que a permitia tornar-se real. Não se trata de um discurso moralista ou saudosista, pois não há nada contra a exposição da beleza e muito menos de sua fruição. Ao contrário, a sexualidade livre nunca é prejudicial e, assim, deve se lutar por ela. Mas deve-se igualmente pensar que os corpos expostos exibem a aparência do que poderia ser, que, não obstante, é proibido. Se o amor particulariza, a quase indistinção dos modelos de beleza revela a busca do mesmo e não a ruptura da repetição. A noção de espécie suplanta a de indivíduo e na espécie não há diferenciação. A busca do geral no particular, ou seja, da unidade no diverso, por sua vez, permitiria a humanidade.

Os gestos rítmicos suscitados pelos novos estilos musicais – techno, pagode, axé music – não só expressam as falsas possibilidades de individualização na sociedade industrial, como revelam a resignação. O corpo é exaltado sob o comando quer da repetição maquinial, quer das letras que comandam os gestos. O prazer advindo desses tipos de música e das coreografias correspondentes é o da falsa mimese: a imitação conduzida para a ridicularização do corpo e de seus movimentos. Essa não é uma imitação que liberte pela incorporação e distinção do que é imitado, ao invés disso proporciona o fortalecimento de gestos repetidos que tiram o movimento da vida: a capacidade de expressar sentimentos. Os programas de auditório, com suas gincanas, exibem essa mesma humilhação. A dança coletiva, que cada vez mais substitui a dança de casais, abriga movimentos similares para todos os participantes (nas danças clássicas, ao menos, havia distinção entre os passos masculinos e femininos). Essa coreografia é semelhante à existente nas academias, que, por sua vez, são exibidas nas novelas. Quase não há mais distinção entre música e ginástica. Se Platão, como dito antes, propunha a ginástica para disciplinar o corpo e a música para a alma, a indistinção moderna é mitológica, procura apresentar como superada a separação existente na vida cotidiana, através da corporificação psíquica que impede a libertação do corpo. Essa separação só pode ser superada em uma sociedade livre, nesta sociedade, essa superação é ilusória, se sabe como tal, e não obstante se preserva. Nos tempos vitorianos, o corpo deveria ser controlado, segundo Marcuse<sup>21</sup>, pois a consciência ainda detinha alguma liberdade necessária ao livre empreendimento, uma vez que a sociedade ainda não era plenamente administrada. Na sociedade dos monopólios, o corpo pode ser libertado, pois a

21 MARCUSE, op.cit., p. 95.

consciência é quase que totalmente ocupada. Assim, o corpo não é exatamente libertado, mas comandado por uma consciência comandada.

O corpo exaltado também o é pela indústria cultural. Ela insiste na identificação com um ideal demasiadamente pobre e, no entanto, desejado. Segundo Horkheimer e Adorno<sup>22</sup>, os espectadores sabem que jamais poderão ocupar o lugar dos heróis representados, a não ser por um golpe de sorte e, assim, estão esclarecidos sobre as possibilidades de ascensão social, que não ocorrem como em outros tempos, pela competência individual, o que mostra o desespero contido na resistência à exaustão do trabalho, sobre a qual se discorreu anteriormente. Mas a história fantástica da pobre que se casa com o milionário associa-se a um desejo real: o abandono da penúria. A identificação com o herói e com a heroína, porém, substitui a identificação entre os homens reais. Assim, há pouca comoção quando se sabe da morte de um conhecido, que não faça parte do pequeno círculo familiar e de amizade, e que, todavia, é conhecido, mas sofre-se imensamente com a morte do ídolo; a sensibilidade para a experiência real é substituída pela relação com o ideal da indústria cultural. O ideal se torna real e o real é negado, a não ser que siga as formas do ideal. O ideal da indústria cultural não deve fugir, no entanto, do culto aos fatos, e, assim, é fatal a identificação promovida entre esse ideal e o mundo existente. A indústria cultural tenta repor o sentido da vida retirado pela sociedade industrial, exaltando o indivíduo forte e vencedor, que tem o sentido da vida ilusoriamente recuperado justamente na vitória sobre as injustiças que lhe são perpetradas. A idéia que transmite não é a de uma sociedade injusta, mas a de que a injustiça é gerada por homens deformados, que, em geral, são apresentados como irrecuperáveis. A esses homens se contrapõe o vencedor. O ídolo do esporte, o ídolo da música e o ídolo da novela, apesar da peculiaridade de seu ofício, apresentam a imagem do homem bem-sucedido, que por seu esforço venceu na vida, quando, conforme se afirmou antes, não há mais lugar para o vencedor. Esse é tão substituível quanto aqueles que o idolatram. O corpo belo e saudável do vencedor, apresentado por essa indústria, pertence tanto ao trabalhador como ao empresário, ocultando o lugar que cada um ocupa na produção material. O corpo também é unidimensionalizado; na falsa universalização, afirma as exigências dadas pelo princípio do desempenho, conforme o definiu Marcuse<sup>23</sup>. O corpo resistente à exaustão do trabalho, à condução dos negócios e aos prazeres sexuais deve ser o modelo a ser imitado. E como discutimos, de fato o é. A indústria cultural, contudo, não o cria, mas fortalece a sua oferta como modelo.

22 HORKHEIMER; ADORNO, op. cit.

23 MARCUSE, op. cit., p. 51 e seguintes.

O corpo modelado à imagem do ídolo nega o tempo e o espaço necessários para a constituição do indivíduo. Não que os modelos não sejam necessários para a individuação, mas eles têm de ser reais, caso contrário, o afeto se vincula à aparência, e a negação do modelo, que não é menos necessária para a constituição individual, não ocorre. Em outras palavras, se o pai é modelo de identificação e é idealizado, o contato com ele, ou seja, a experiência, permite combater a idealização, já a identificação com os modelos fabricados só os afirma; o objeto idealizado que não permite a experiência sobrevive somente como ideal. Além disso, a identificação com homens reais permite extrair peculiaridades de cada modelo que se diferencia dos demais; a identificação com os homens fabricados, devido à sua similaridade, fortalece a reprodução do mesmo.

A indústria cultural trabalha também com o corpo ascético, purificado, que anseia o sublime, o corpo que almeja o espírito, negando-se a si mesmo. É o complemento do espírito corporificado. A beleza sublime, sublimada, enlaça-se com a proibição da tentativa de realização do desejo. Segundo Marcuse<sup>24</sup>, na sociedade industrial, as relações de trabalho são coisificadas e as relações amorosas espiritualizadas; numa sociedade não repressiva, conforme esse autor, as primeiras deveriam ser humanizadas e as últimas deveriam ter o tabu sobre o corpo atenuado. A admiração do espírito, do sublime, que esquece a sua base, o desejo do corpo, além de não convulsionar o nosso ser, não é menos violenta que o endurecimento do corpo, pois, como Freud<sup>25</sup> argumentou, o que é reprimido tende a voltar sob a forma de violência. A indústria cultural ora exalta o corpo, humilhando-o, ora exalta o espírito, não deixando de exibir o seu desprezo por ele.

Os esportes, sobretudo os coletivos, são modelares para a sociedade industrial, que preserva o capitalismo. A especialização dos papéis, a substituição para cada posto, os objetivos, a organização, lembram a empresa. A ênfase na equipe em detrimento das qualidades individuais realça o objetivo de vencer. A tática do treinador deve selecionar as habilidades necessárias para o seu êxito. A espontaneidade dá lugar à organização; a habilidade, à burocracia, que também atinge a tática (interessante que, no futebol, dê-se o nome de virilidade para a eficiência). Cada jogador deve ocupar o seu lugar e cumprir a sua função. Não são as individualidades que compõem o todo, pela relação entre os seus integrantes, mas o seu empobrecimento, que ocorre no momento em que devem se encaixar na tática do treinador para obter o resultado almejado. A tática não deveria servir para a restrição das habilidades dos

24 MARCUSE, op. cit., p. 177.

25 FREUD, op. cit., p. 90 e seguintes.

jogadores e, sim, para o seu pleno desenvolvimento. Assim como o prazer é negado para que o sofrimento não ocorra, desiste-se do lúdico, do belo, para se evitar a derrota. Certamente, há exagero nessa crítica; não obstante, a discussão que contrapõe o futebol-arte ao futebol-eficiente lhe empresta validade. A razão que busca a eficiência também deve ser a base de uma sociedade humana pacificada, mas para a libertação do prazer e não para a sua contenção.

O corpo endurecido, funcional, eficiente, substitui o corpo expressivo, que ao menos pode representar o sofrimento existente, denunciando o pseudo-prazer a que se é submetido. Que ele seja associado com o feminino, revela do que se está prescindindo: a natureza acolhedora. A homossexualização das atividades sociais não diz respeito unicamente ao nivelamento dos sexos, mas também ao abandono da natureza considerada frágil que, no entanto, como sublimação da natureza, implica a força humana, a de não se resignar à força, essa sim representante da natureza não dominada. O corpo frágil, o corpo disforme, o corpo sem controle das emoções, pagam o preço do progresso sobre o controle do corpo. Eles recordam a possibilidade de uma vida sem poder, sem dominação; a felicidade de poder viver sem ser ameaçado pela fome e pela violência dos desejos alheios.

Os controles sobre os fluidos e gases corporais são necessários em uma sociedade asséptica e ascética. Não é casual que os educadores que auxiliam as crianças nesse controle sejam quase que desprezados. O desprezo é uma forma de afastar o que não se quer reconhecer em si mesmo. Junto com a repugnância dos odores repulsivos, o olfato também foi repudiado. Ao longo do desenvolvimento humano, os sentidos proximais foram substituídos pelos distais: o olfato, o paladar, o tato, tiveram o seu alcance diminuído pela expansão da utilização da visão e da audição. Conforme Horkheimer e Adorno<sup>26</sup>, o olfato leva a uma aproximação ou a um afastamento repentino, ele impele ao movimento; com a visão, permanece-se o que se é. À distância, suporta-se e aprecia-se a ruína do outro.

Como Freud não cansou de afirmar, o que é reprimido não perde a existência. Assim é possível, mesmo nos endurecidos, a luta pela flexibilização do espírito e, portanto, pela libertação do corpo, que de objeto de crueldade pode se converter em objeto sensível e de prazer humano.

26 HORKHEIMER; ADORNO, op. cit, p. 171-172.